

## **Museu Carlos Barbosa Gonçalves, algumas considerações sobre sua construção museológica**

**ARAUJO, Edson Sousa Lucas<sup>1</sup>; SERRES, Juliane Conceição Primon<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – Curso de Licenciatura em História; <sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, Departamento de História. julianeserres@gmail.com.

### **INTRODUÇÃO**

O Museu Carlos Barbosa está localizado na casa que serviu de moradia para a família deste médico e político jaguarense. A casa foi construída em 1886, para abrigar Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e sua esposa Dona Carolina Cardoso Brum, e posteriormente, seus filhos Eudóxia, Euríades e Branca. A casa foi ocupada pela família até 1975, quando Eudóxia de Lara Palmeiro, a última filha viva de Dr. Carlos Barbosa, faleceu. Em 1977, a casa foi transformada em um museu, gerido pela Fundação Dr. Carlos Barbosa Gonçalves. Este espaço museológico representa uma das figuras mais ilustres da cidade, que chegou a governar o estado.

Neste trabalho, procuraremos demonstrar alguns aspectos dessa instituição, como a sua administração e sua situação em relação às novas abordagens museológicas. Também procuraremos demonstrar as necessidades atuais, de uma comunidade local, que busca se apropriar de seus bens, e de um público cada vez mais exigente. Apontaremos também, algumas soluções para os problemas levantados, com base em bibliografias. O desenvolvimento da pesquisa encontra-se em estágio inicial, portanto, serão apresentados alguns resultados parciais.

### **METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

O presente trabalho foi realizado com base em pesquisas aos arquivos da Fundação Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, com o intuito de fazer um levantamento à respeito do histórico de seu surgimento, bem como na observação etnográfica das atividades desenvolvidas pela Instituição e entrevistas com os funcionários. Essa etapa do trabalho, associada a leituras bibliográficas, constitui nossa base metodológica até o momento.

Com a pesquisa dos arquivos da Fundação, podemos nos orientar sobre seu funcionamento e o seu papel com relação ao desenvolvimento das atividades do museu. Esse passo foi necessário para nos ambientarmos ao nosso objeto de pesquisa. Foi importante também para nos aproximarmos dos funcionários, obtendo assim algumas informações importantes para o andamento do projeto, direcionando os passos a serem seguidos.

As leituras relacionadas ao tema museu e, sobretudo a casas museus, possibilitaram a abertura de novos horizontes, trazendo o conhecimento sobre ações implementadas em outras instituições com o mesmo caráter. Também são importantes para nos inserirmos nos debates museológicos atuais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição pesquisada é de caráter privado, a diretoria é eleita bianualmente e é responsável pela Fundação, que entre outras atividades, administra o museu. Segundo informações obtidas com os funcionários, o primeiro grupo gestor da Fundação foi designado pelo testamento de Eudóxia. De acordo com o seu estatuto, os gestores foram sendo substituído ao longo do tempo por meio de eleições internas. O museu e a Fundação são administrados de maneira única, como se fossem a mesma instituição, compartilhando inclusive, o quadro de funcionários, que acumulam funções da administração, de guia, de arquivista, entre outras; servindo as necessidades de ambos.

O museu e a Fundação são duas instituições de caráter distinto, que devem ter designações de objetivos e missões próprias, porém, são tratadas como se fossem um único corpo pela administração. O estatuto e o regimento interno que os regem são o mesmo, ele prevê os subsídios para a administração financeira da Fundação, deixando de lado o planejamento do museu. Trata-se de uma Fundação, que mantém um museu tradicional, que ainda não conta com um planejamento museológico, o que é recomendado pelo IBRAM<sup>1</sup>. Existe no estatuto da Fundação a previsão de atividades culturais, que são interpretadas pela direção, como sendo o auxílio financeiro que esta presta a obras assistenciais da cidade.

A administração ainda tem a visão de um museu armazém, onde se guardam coisas antigas, com o intuito de que pessoas visitem, olhem, admirem, mas, tudo isso, com um distanciamento, colocando o museu como espaço de objetos fetichizados. Não que esta prática seja exclusiva de museus locais como o Carlos Barbosa, pois, *“todo es elegible como fetiche museal. Este fenómeno no es exclusivo del museo local, pero es em museos locales, sin duda alguna, em donde se manifiesta con todo su esplendor”* (MESTRE, 2008, p. 19).

Este tipo de comportamento vem sendo discutido pela nova museologia e pela museologia crítica. Os museus, cada vez mais, estão preocupados com a interatividade, as ações educativas e culturais, e também, com o retorno para a comunidade local. Estas reivindicações estão ganhando força, tanto por parte do público, que está cada vez mais exigente e culturalmente mais ativo, quanto por parte das populações locais, que buscam cada vez mais se apropriar dos bens das cidades. O crescimento do turismo cultural na última década, tem contribuído para essa mudança de perspectiva, cada vez mais, os museus locais ganham destaque na lista do consumo turístico.

### Museu Carlos Barbosa como museu casa

Segundo António da Ponte (2007), a classificação de museus casa é complexa e ainda muito discutida. Surgem vários conceitos, um atribuindo maior importância ao edifício, outros ao ambiente ou a coleção. Por esse motivo, o autor coloca que não existe, ainda, uma classificação exata para os este tipo de museu.

---

<sup>1</sup> O Ministério da Cultura já previa o Plano Museológico em 2006, reforçado pela criação do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), com a instituição do ESTATUTO DOS MUSEUS, previsto na Lei 11 904 de 14 de janeiro de 2009.

Outro conceito que não se separa claramente do de museu casa é de casa histórica. Para o autor, estes conceitos são heterogêneos e dizem respeito a realidades distintas. De acordo com ele

A análise da bibliografia consultada, permite observar, muitas vezes, que os conceitos *casa-museu* e *casa histórica* não estão perfeitamente definidos e separados. Na nossa perspectiva, estes não se reportam à mesma realidade. Uma casa-museu pode ser, simultaneamente, uma casa histórica, mas sendo histórica não significa que seja museu. (PONTE, 2007, p. 2)

O caráter histórico de uma casa, não faz dela um museu. Existem espaços importantes na cidade de Jaguarão - como a Casa de Cultura, onde funcionou o fórum da cidade por muitos anos, serviu de residência para os padres belgas que fundaram a primeira escola da cidade, por exemplo – que tem um caráter histórico fortíssimo, por terem sido cenário de grande representatividade para a população, e que nem por isso são espaços musealizados. É necessário um projeto e um empenho por parte de algumas pessoas para que esse projeto aconteça. Por outro lado, a sede do Museu Carlos Barbosa, espaço destinado à residência familiar, se tornou um espaço musealizado, mesmo sendo um local de representatividade restrita, se estendendo a um único núcleo familiar. Esse processo só foi possível, graças ao interesse da família em construir um lugar de memória. O trabalho das pessoas que proporcionaram a realização deste projeto após a morte de Eudóxia de Lara Palmeiro, também foi de grande importância, pois graças a ele, a casa da família se transformou em um museu.

De acordo com Ponte,

Quando se entra numa casa-museu, para além dos sistemas de vida doméstica, observando os objetos na sua forma original ou próxima dela, penetra-se diretamente na intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou nesse espaço para ser fruído por estranhos. (PONTE, 2007, p.6)

A casa que abriga o museu Dr. Carlos Barbosa se encaixa perfeitamente nessa citação. A visita da casa proporciona ao visitante um mergulho na intimidade da família Barbosa Gonçalves. Ao visitar a casa, podemos entrar nos quartos, salas, na cozinha e no banheiro da casa, locais que outrora, eram inacessíveis para os visitantes da família, ou até mesmo secretos, como era o caso do banheiro. Hoje, ultrapassamos o limite da área destinada aos visitantes, pensada para resguardar a intimidade da família e manter o distanciamento necessário que os contratos sociais da época exigiam.

É exatamente o entrar na intimidade de uma família do final do século XIX que fascina os visitantes deste museu, poder ter acesso irrestrito a casa de uma importante figura política do estado do Rio Grande do Sul no século passado, poder conhecer aspectos que transcendem a pessoa pública.

Essa possibilidade é, com certeza, um grande atrativo para esse museu. Porém, este espaço precisa ser pensado de uma maneira mais atual, mais preocupada com a apropriação do visitante e da comunidade local. Naturalmente, este processo não ocorre de maneira repentina, existe a necessidade de uma aproximação com a comunidade local, um processo lento e gradual, para que se possa conceber este espaço como um espaço histórico, que retrata uma época, um

grupo social e permite refletir sobre uma sociedade, ou as maneiras de viver de uma sociedade. Para esta renovação acontecer, é necessário realizar a difícil tarefa de renovar conceitualmente esse museu local. Na maioria das vezes, os museus locais são isolados, não tem acesso aos avanços conceituais desenvolvidos nos grandes centros, como se eles se bastassem pelo “fetiche”. O museu Carlos Barbosa é um exemplo claro disso, não existe, ainda, um plano museológico ou algum plano que guie as ações do museu. Este plano é considerado, hoje, basilar para qualquer museu, pois, a partir dele, são determinados todos os passos para o seu bom funcionamento. Sem a determinação de seus limites e propósitos, fica difícil guiar um trabalho bem sucedido.

## CONCLUSÃO

### A importância das redes para o desenvolvimento dos museus locais

Diante do mundo globalizado, a comunicação é algo de fundamental importância para o desenvolvimento e fortalecimento dos mais diversos âmbitos sociais. Com os museus, não poderia ser diferente, autores atuais dão ênfase neste segmento. Segundo MESTRE & MOLINA (2008), os museus locais precisam estar integrados à grandes redes para garantir seu sucesso, esta é a única forma de se enfrentar o isolamento geográfico, que culmina em um isolamento conceitual e técnico. As redes permitem que cada membro se beneficie das vantagens da integração, como a facilitação da apropriação do conhecimento produzido em grandes centros.

O Museu Dr. Carlos Barbosa, se localiza na cidade de Jaguarão, no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Uma cidade distante dos grandes centros, de onde emanam as atualizações das formulações conceituais e técnicas. Esse fator leva aos museus locais da cidade um relativo “atraso” museológico/museográfico que poderia ser contornado com esse tipo de integração.

Esta é uma das hipóteses que podem ser consideradas para um melhor planejamento do museu, porém, muito ainda tem que ser feito para chegarmos a uma conclusão mais adequada da situação. Por hora, uma reformulação conceitual e a troca de experiências com outras instituições, parece ser um passo importante.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Cristina Barreto de. Redes como ferramenta de preservação de casas históricas. In: **DEMIST ANNUAL CONFERENCE-2009, STAVANGER / SAND – NORWAY. “CASAS HISTÓRICAS COMO DOCUMENTO DE VIDA SOCIAL E TÉCNICAS TRADICIONAIS”**. Disponível em: <http://www.icom.org.br/DEMIST-%20TEXTO%20DA%20CONFERENCIA-ANA%202009.pdf>

MESTRE, Joan Santacana; MOLINA, Nayra Llonch. **Museu local, La cinecinta de la cultura**. Gijón: Ediciones Trea, S. L., 2008.

PONTE, António Manuel Torres. **CASAS-MUSEU EM PORTUGAL - TEORIAS E PRÁTICA**, 2007. Dissertação de Mestrado - UNIVERSIDADE DO PORTO, FACULDADE DE LETRAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, Porto, 2007.